

MEMÓRIAS DO EXÍLIO: DESLOCAMENTOS E EXPERIÊNCIAS DE UM EXILADO REPUBLICANO ESPANHOL

GENY BRILLAS TOMANIK*

Introdução

Esta comunicação articula-se à tese em desenvolvimento que contempla a trajetória de luta e o exílio de Pedro Brillas (1919-2006), um ex-combatente republicano da Guerra Civil Espanhola, que levado pelas circunstâncias, viu-se exilado em 1939, assim como milhares de espanhóis e posteriormente veio na mesma condição para o Brasil (24/11/1951).

O recorte temporal concernente especificamente ao exílio europeu refere-se ao período de 1939 até 1951, quando Pedro Brillas, acompanhado com esposa e filho menor de idade, emigraram de Paris pelo porto de Marselha para o Brasil, subsidiados pela *International Refugee Organization* (IRO), onde recomeçaram a vida na cidade de São Paulo como imigrantes, com esperanças renovadas.

A partir da Guerra Civil Espanhola (1936-39) Pedro Brillas entabulou a escrita de si, em forma de diários, inclusive nos campos de batalha, apontamentos avulsos (*bupomnêmata*) e memórias iniciadas com apenas 18 anos - fato incomum para um jovem - até o fim da vida, em 2006, ano do seu falecimento, perfazendo, portanto, 68 anos da memória de si. Os seus escritos intermitentes abordam não apenas as suas experiências, estratégias de sobrevivência e subjetividades, bem como retratam a sua época e a sua geração, além de acontecimentos históricos. Pedro Brillas sobreviveu a dificuldades a partir do conflito civil na Espanha, porém poucos dos seus escritos *in loco* resistiram a tais episódios, que foram reescritos posteriormente:

[sic] Convém esclarecer, que desde que saí de casa aos 17 anos para alistar-me como voluntário na guerra civil espanhola, *que iniciei a escrever*, porém vários foram perdidos, o primeiro no front da Catalunha, quando fui ferido por uma granada, perdendo todos os meus pertences. Recomecei um outro, no campo de concentração em Argelès sur Mer, nos Pirineus franceses. Este foi perdido, na fronteira belga em um avanço dos alemães, com destino à França. Recomecei um outro, ainda na 13. Cia. de Trabalhadores Espanhóis, até que em um bombardeio em Abril de 1945, o prédio dos Berzen, foi destruído após um ataque dos aliados, perdendo também meus pertences, salvando a vida por milagre, juntamente com Maria e sua irmã Edith. O prédio de 6 andares, desmoronou, ao explodirem várias bombas ao mesmo tempo. Como estávamos no porão, com outras 3 mulheres e um homem, escapamos também do incêndio que se produziu logo após. Tenho recomeçado outros, sem contudo, terminar nenhum, talvez somente após minha morte. (Pedro Brillas, 2000, p. 10, grifos nossos).

É possível notar não apenas a persistência do memorialista na (re)escrita de si, como também a relevância que o autor lhe atribuía,

como se fosse uma das suas metas de vida e, ainda, a sua expectativa na continuidade póstuma de tais relatos. Trata-se de um rico e exemplar patrimônio documental privado, contemplado nesta pesquisa.

Consequência da Guerra Civil Espanhola: *La Retirada* e o exílio inicial na França

A Guerra Civil Espanhola foi um marco na historiografia espanhola, prelúdio da Segunda Guerra Mundial e serviu de ensaio dos armamentos utilizados pelos alemães naquele conflito. Além disso, acarretou severas mudanças nas vidas dos hispânicos, sobretudo dos refugiados republicanos, que se viram obrigados a recorrentes deslocamentos e ao exílio involuntário, definitivo para milhares deles.

Quando o fim do conflito e a derrota republicana se anunciavam, após a queda de Barcelona no dia 26 de janeiro de 1939 e das frentes de batalha da Catalunha nas mãos das tropas franquistas, a população civil e o exército republicano - sob bombardeio fascista - viram-se obrigados a buscar refúgio na França:

La Guerra Civil implicó un proceso paralelo de consunción de un régimen y de todos sus mecanismos institucionales, frente al surgimiento de otro y su progresivo afianzamiento al compás de las victorias militares. Para el régimen republicano ese proceso se inició en la temprana fecha de noviembre de 1936, cuando, ante el asedio de Madrid por los sublevados, el Gobierno de la República inició un peregrinaje que le llevaría de esa ciudad a Valencia, de aquí a Barcelona y, como última etapa, al exilio. De esta manera, junto a la población civil y a los restos de un ejército derrotado, dirigentes políticos, funcionarios de la administración del Estado y de los Gobiernos autónomos y cuadros de los partidos políticos y organizaciones sindicales se vieron forzados a una expatriación que

les llevaría en un principio a Francia o al norte de África y desde aquí a diferentes países de Europa y del continente americano. (ALTED, A. **La voz de los vencidos: el exilio republicano de 1939**. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2012. Não paginado por ser E-book).

O êxodo massivo de republicanos em direção à França - também conhecido como *La Retirada* - era constituído de civis, entre eles, mulheres com suas crianças e idosos; políticos, autoridades e funcionários públicos fiéis à República, além dos ex-combatentes de um exército derrotado, mutilados e feridos da guerra, entre eles, Pedro Brillas, atingido na frente de batalha da Catalunha por uma granada, salvando-se por pouco. No último hospital de Olot para onde foi transferido, próximo à fronteira francesa, foi dispensado: (sic) “Uns fôram destinados a ficar no hospital, não muitos, e o resto fomos liberados, podendo retornar p/nossas Cias., para nossas casas, ou seguir viagem por nossa conta e risco na direção da fronteira, para onde ia muita gente, a pé, em carroças, em caminhões, ambulância, etc.” (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno, p. 76).

Pedro decidiu apresentar-se em um quartel general do Exército, em Figueres. Seguiram a estrada a pé e o intenso fluxo de soldados e civis; a maioria deles caminhando, carregando trouxas, malas, mochilas, empurrando ou puxando charretes carregadas com roupa, alimento, além de caminhões, ambulâncias, alguns ônibus, inclusive de Barcelona. Somado à multidão, o memorialista encontrava-se em plena *Retirada*. Após 24 horas de caminhada (cerca de 50 km) chegou em Figueres, onde procurou o alto comando do exército, pedindo instruções ao capitão, pois estava ferido. Pedro relata o contexto bélico e o êxodo republicano:

(sic) Enterado do nosso estado físico, e de que não estávamos ainda em condições de voltar as nossas Cias, o capitão sinceramente falou p/nós, que do jeito que estava a situação guerreira, habendo retirada das tropas legais em todos os fronts, estando o inimigo avançando rapidamente na nossa direção, ou seja, para a fronteira, e ele não vendo possibilidade de o parar, deixava a nosso critério o caminho a tomar, o da fronteira, para onde iam milhares de homens (soldados ou civis), mulheres e crianças, ou voltar p/ nossas casas, ou ir p/o sul e tentar achar nossas Cias, que êle ignorava onde estavam. Para êle, o melhor caminho era o da fronteira, pois que nossa derrota total, não tardaria, as forças franquistas, dispunham de muito mais e melhor armamento e tropas que nós. (Pedro Brillas, s/data, 8º caderno, p. 81).

Pouco tempo depois, o grupo foi sacudido por explosões de bombas, barulho de aviões sobrevoando a pequena cidade e disparos de artilharia antiaérea. Novamente Pedro sobreviveu aos perigos do conflito civil. Após o rápido bombardeio, retornaram ao palheiro, onde haviam deixado o restante dos seus pertences.

É significativo observar que entre eles não faltava material para a escrita epistolar e anotações, mesmo em circunstâncias tensas; também surpreende o autor lembrar-se de tantos pormenores, decorridas tantas décadas. Neste sentido, pode-se supor que o autor não recorresse apenas às suas “lembranças de velho” (BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994), como também aos seus apontamentos, pois ele tinha a prática de “arquivar a própria vida” (ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, vol. 11, n° 21, pp. 9-34, 1998):

(Sic) Eu tinha uma pequena mochila contendo papel, envelopes e canetas, uma muda de roupa interior, 2 pares de meias, lenços,

escova de dentes com pasta, e barbeador Gillete, sabão e pincel p/fazer a barba, e outras quincalherias. Também tinha um (tabardo?)¹ e um cobertor, que tinha recebido no hospital de Manresa, pois que ao ser ferido no front perdi tudo. (Pedro Brillas (s/data, 8º caderno, pp. 82-83).

Durante a *Retirada* os refugiados dividiam um lugar nas fogueiras improvisadas, devido ao frio do inverno europeu, ou um bocado dos seus escassos alimentos, e ainda compartilhavam as suas incertezas, subjetividades e momentos fugazes de intimidades:

(sic) Curioso. En menos de 1 semana habia conocido dos mujeres. Ambas de la misma edad. Bonitas. Con las dos solo estuve unas horas junto. De la primera que poseí durante 1 hora, apenas recuerdo su rostro y nombre. Solo recuerdo que era rubia y sí no me falta la memoria se llamaba Fernanda. De la segunda guardo un grato recuerdo sin haberla siquiera besado. Con la primera, tuve comunión de cuerpo, con la segunda, comunión de alma. Ambas fueran meteoros en el camino de mi vida, y en cambio que diferencia. (Pedro Brillas, 1965, pp. 6-7).

No trajeto do êxodo massivo republicano em direção à França, as tensões da Guerra Civil Espanhola e as estratégias de sobrevivência continuaram. Em circunstâncias extremas e momentos tensos, como os confrontos bélicos, a busca por alimentação e as estratégias de sobrevivência se sobrepõem às normas de conduta ou códigos de ética, pois “a fome é má conselheira” (MARTORELL I GIL, E. **Com olhos de menina:** Um diário sobre a Guerra Civil Espanhola. Trad. de Joana Angélica d’Ávila Melo. Rio de Janeiro: Record, 2011):

(sic) Na realidade, o exército republicano na zona nordeste (Catalunha), estava em franca retirada, e possivelmente as tropas franquistas chegariam à Figueres em poucos dias, portanto nada se ganhava nem perdia, se nós fôssemos ou não fuzilados como saqueadores.

Assim sendo, e não tendo roubado nada a não ser um pouco de comida, êle preferia nos dar uma chance, libertando-nos para que fóssemos p/onde quiséssemos. Deu ordens p/que fossem devolvidos nossos revólveres, e que também nos fosse dado algo p/comer, e fazendo meia continência abandonou a sala, junto c/o oficial, ficando pois, Antonio, eu, o capitão, e os dois soldados. (Pedro Brillas (s/data, 8º caderno, p. 93).

Retomaram o trajeto e se reintegraram ao fluxo humano em direção à França. Caminharam durante toda a noite até La Jonquera, cidade junto à fronteira francesa, percorrendo lentamente os 19 km de distância, em razão dos ferimentos.

O contexto incerto do êxodo republicano favorecia a proliferação de constantes rumores fantasiosos e pessimistas entre os espanhóis refugiados. A incerteza do desfecho do conflito civil, a falta de notícias e de jornais teriam provocado o falatório. Os boatos surgem para explicar o inaceitável e podem adquirir dimensões imprevisíveis, ainda mais em situações de guerra. O boato pode revelar verdades, é resultado de um processo coletivo, incontrolável pelo poder constituído, e por isto é perturbador. Surge quando as informações são escassas, em circunstâncias ambíguas, e servem para entender melhor o mundo e acontecimentos da atualidade (KAPFERER, J.-N. **Boatos**: a mais antiga mídia do mundo. Trad. de Ivone S. R. Maya. Rio Janeiro: Forense Universitária, 1993).

Finalmente, após três dias de espera na cidade de El Limits (Espanha), no dia 8 de fevereiro de 1939, Pedro e uma multidão de retirantes atravessaram a fronteira francesa pela cidade de Le Perthus e

tornaram-se exilados. Momentos antes, Pedro fez uma retrospectiva da sua vida juvenil, lembrada 26 anos depois:

(Sic) Tumbado en el suelo con la cabeza encima del manto, cara al cielo, viendo inconscientemente las nubes pasar (aquele dia amaneció sin sol, gris, triste) cercado sin lo sentir por millares de otros seres, empecé a pensar, como hacia tiempo no pude o no quise hacerlo, en como había transcurrido mi vida. [...]. (Pedro Brillas, 1965, p. 17).

Para aqueles espanhóis, pouco antes de cruzarem a fronteira franco-espanhola, diante da proximidade do exílio, além de aflorar a forte emoção do afastamento dos seus entes queridos, poderia representar uma ruptura com as suas raízes, rumo ao desconhecido, deixando-os, literalmente, “sem o chão” da sua terra natal.

Por si só, a experiência exílica é permeada de conflitos e contínuos ajustes identitários com a nova sociedade de acolhimento. Em tempos de guerra, mais ainda, pois as arbitrariedades políticas - muitas vezes inegociáveis - são multiplicadas exponencialmente e somadas às tensões cotidianas, como a obtenção de alimentação, de um abrigo e de segurança, além da dificuldade na aquisição de documentação pessoal e da sua legalização no país, e, até mesmo, a mera socialização em terras estrangeiras. O exílio representa uma ruptura insuperável com o que se deixou para trás, e a perene nostalgia com o passado na terra natal:

[...] o exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada. [...]. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para

sempre (SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2003. p. 46).

O exílio iniciou-se, primeiramente, com um acolhimento pouco amistoso por parte das autoridades francesas, e inesperado pelos refugiados republicanos, que eram revistados, desarmados, e conforme arbítrio dos soldados franceses eram despojados dos seus bens: “alguns agentes corruptos aproveitaram a oportunidade para roubar dinheiro, joias e outros objetos de valor. Famintas, derrotadas e desorientadas, as vítimas não podiam resistir às sevícias a que eram submetidas pelos policiais”. (BUADES, J. M. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 303).

O destino das forças armadas republicanas e dos civis hispânicos representava um grave problema para as autoridades francesas durante a Guerra Civil Espanhola. Embora a esquerda francesa visse os refugiados espanhóis com simpatia, os conservadores mostravam-se contrários à sua entrada no país. Poucos meses antes da *Retirada*, o Decreto Lei de 12 de novembro de 1938 do governo francês de Daladier fazia menção aos “estrangeiros indesejáveis”, propondo a expulsão de todos. (ORTIZ, J. In: **DEPORTADOS.ES**. Disponível em: <http://deportados.es/expertos>. Acesso em: 08/03/2015; GARCÍA F. E. **Suelas de Caucho: Guerra civil y represión en la comarca del Aranda**. Área de Memoria Histórica CGT: Zaragoza, 2010. [3ª Ed.]).

No dia 1 de fevereiro de 1939 foi iniciada oficialmente a instalação do *Camp d'Argelès*, executada pelos primeiros republicanos a chegar ao local. A fronteira ainda permanecia fechada à maioria dos

refugiados espanhóis, apenas aqueles que possuíam passaportes em ordem, doentes, feridos e idosos podiam passar. Finalmente, no dia 5 de fevereiro foi permitida a entrada do exército republicano, e em alguns dias em um ritmo crescente, milhares de espanhóis entraram no território francês:

El 5 de febrero de 1939, Daladier permite el paso de la masa de refugiados por la frontera que hasta entonces permanecía oficialmente cerrada, separándose a los hombres (identificados como combatientes) de las mujeres. Muy poco después, estos “estacionamientos temporales” se convirtieron en “reclusión administrativa” y en pocos meses se creaban diversos campos de internamiento. [...]. El gobierno francés, impotente ante la situación, decidió conducir a los exiliados de la zona este hacia las playas de Argelès, a 35 km de la frontera. Fueron situados sobre la misma playa, y la zona se cercó con alambre de espino. Les custodiaban tropas coloniales, marroquíes y senegaleses, y algunos gendarmes. La situación se tornó caótica: no había campamentos de barracas, letrinas, cocina, enfermería ni siquiera electricidad, y comenzaron a multiplicarse los casos de disentería. Los enfermos y heridos colapsaron los hospitales de la región. (GARCÍA FRANCÉS, E. op. cit., p. 161).

O governo francês viu-se diante do problema de como abrigá-los e alimentá-los. Foram criados campos de “internamento”, como as autoridades francesas preferiam denominá-los, mas também conhecidos como campos de concentração. A denominação “campos de internamento” equivale à expressão “campos de concentração”, utilizada por autoridades locais, sobretudo entre 1939 e 1940, e empregada amplamente pelos próprios internados ou a imprensa. (PESCHANSKI, D. **Les camps français d'internement (1938-1946)**. Doutorado, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne. Paris, 2009).

Independentemente da designação adotada, cabe destacar que os refugiados foram retidos em campos ou albergados em regime concentracionário, sob vigilância armada, geralmente sem autorização de ir-e-vir, porém sem a mesma finalidade dos campos de concentração e de extermínio nazistas.

No período entre fevereiro de 1939, data da abertura do primeiro campo de internamento, e maio de 1946, data do encerramento do último, aproximadamente 600.000 pessoas foram retidas, não por delitos ou crimes que teriam cometido, mas pelo perigo potencial que elas representariam para o Estado e/ou a sociedade. (idem). Cerca de oitenta mil pessoas, entre soldados e civis, foram retidas no campo d'Argelès. (SOLE, F. (Dir.). **Camp d'Argelès**. Documentário. Produção de Reinald Roca; Assumpta Planas; François Boutonnet. (90 min). 10 nov. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KoS25xZ3oFU>. Acesso em: 12 jan. 2015).

Inicialmente, as instalações do *Camp d'Argelès* constituíam-se apenas de uma área cercada por arames farpados, o mar como barreira natural e a praia utilizada como latrina, somente a areia e a pouca roupa que levavam lhes serviam de abrigo; nessas condições, uma manta era considerada um “tesouro”. Pedro possuía apenas uma manta usada para forrar a areia úmida, e a outra, que lhe servia de precária cobertura às intempéries, sustentada por galhos de arbustos locais:

(sic) Cuando estuvo pronto, bebi un vaso de leche bien caliente, acabé el resto del pan y heché una mirada en torno de mí. Entonces noté que alrededor de donde estaba, había enorme cantidad de gente, unos durmiendo sobre la arena, otros sentados alrededor de hogueras y la mayoría simplemente sentados, cubiertos con sus mantas o capotes. [...]. Noté que muchos habían construido una especie de chavola con una o dos mantas seguras por dos o mas palos. (Pedro Brillas, 1965, pp. 44-45).

O *Camp d'Argelèrs* foi palco de violências, maus tratos, inclusive de abusos sexuais sofridos pelas mulheres; além das humilhações às quais os refugiados espanhóis eram cotidianamente submetidos em razão da superlotação e das péssimas condições que tiveram que suportar inicialmente, quando não havia sido implantada ainda nenhuma infraestrutura. A carência de instalações sanitárias, de banho e de muda de roupa, além do fato de dormirem na areia, resultou também em surtos de pragas, como piolhos, pulgas e sarna. Debilitados e desnutridos, os internados recebiam uma alimentação insuficiente. (BORONAT, O. **Quatro Caminhos**. São Paulo: Ed. do Autor, 2010; Pedro Brillas [diversas datas]; SAN GEROTEO, R. **Les Oliviers de l'Exil**. Sobrevivir - Collection dirigée par André Gabastou. Cairn: Pau, 2012).

La improvisación de las autoridades francesas se puso también de manifiesto en las condiciones de vida en los **campos de concentración**. A menudo no eran más que extensiones de playa rodeadas por alambre de púas donde se amontaban los internos y estaban expuestos a las inclemencias del tiempo, sólo protegidos por agujeros que ellos mismos hacían en la arena y tapándose como podían con ramas o telas. Y todo ello acompañado de una alimentación de supervivencia, si se puede calificar así, a la que se sumaban los abusos y la violencia de los vigilantes de los campos, a menudo de origen senegalés y norteafricano. (MUME – Museu Memorial de l'Exili, 2015. Disponível em: <http://www.museuexili.cat>. Acesso em: 24 jul. 2015 – grifos nossos).

Trajetória, memórias e algumas experiências de Pedro Brillas no exílio

A partir de 1939, próximo ao fim do conflito civil hispânico, foram diversas as experiências vivenciadas por Pedro Brillas e milhares de refugiados republicanos espanhóis, que os levaram a experiências indeléveis e a recorrentes deslocamentos:

Em fins de janeiro 1939 somou-se ao êxodo republicano massivo, a partir do dia 08/02/1939, quando atravessou a fronteira francesa pela cidade de Le Perthus, tornou-se exilado permanente, como milhares de refugiados espanhóis. Foi detido entre 08/02 até 15/09/1939 (220 dias) no Camp d'Argelès-sur-Mer (Roussillon, França).

Testemunhou a Segunda Guerra Mundial (1939-45) na França e na Alemanha; integrou-se à outra fuga populacional massiva, desta vez em solo francês, diante da invasão alemã; entre 1939 e 1942 foi incorporado às *Compagnies de Travailleurs Étrangers* (CTE), sob os comandos e vigilância dos exércitos francês e alemão, de onde fugiu da base de submarinos nazista, em La Rochelle. Sem alternativas, Pedro Brillas foi trabalhar em fábricas na Alemanha (1942-45), em plena Segunda Guerra Mundial, quando conheceu a sua futura esposa alemã. No pós-guerra, em 1945, foi obrigado pelas forças aliadas a deixar a Alemanha após um último bombardeio na cidade de Hagen (15/04/1945), sobreviveu por pouco, mas perdeu todos os seus pertences, inclusive os seus diários. Retornou à França, acompanhado da sua então companheira alemã (Kaethe Maria). Em Toulouse procuraram trabalho na *Confederación Nacional del Trabajo* en

exílio (CNT), mas foram delatados pelo patrão de Maria, que ao tentar estuprá-la, descobrira a sua verdadeira origem, e foram presos no *Camp de Noé*. Meses depois, Pedro já solto, obteve a documentação necessária para liberar e casar-se com a companheira, que passou a ser também “refugiada espanhola”, por força do casamento, conforme documentação disponível.

Em Paris formaram família multicultural. Adaptaram-se bem à cultura local e ao estilo de vida típico da cidade cosmopolita. Pedro trabalhava no jornal espanhol *Solidariedad Obrera*, onde fazia serviços administrativos. O círculo de amigos espanhóis e de ex-combatentes da Guerra Civil Espanhola, também com famílias multiculturais, continuava com a ideia de retornar à Espanha, após a esperada queda do General Franco, o que nunca aconteceu.

Em fins do ano de 1951, com o receio de um novo conflito na Europa devido à Guerra Fria, a família Brillas, decidiu emigrar para o Brasil subsidiados pela *International Refugee Organization* (IRO). É significativo que a partir do embarque em 24/11/1951 no paquete Campana, em Marselha, França rumo ao Rio de Janeiro, Brasil, para Pedro havia terminado o seu exílio, conforme o seu escrito “Resumen de mi exilio (8/02/39 al 24/11/51)”, quando finalmente pôde tomar as rédeas da sua vida:

(sic) Quero que todos saibam que eu NÃO FUI HERÓI, NEM BANDIDO, NEM SANTO, NEM DIABO, NEM VALENTÃO, NEM COVARDE.

Fui um menino muito sofrido pela fome e quase pela miséria; um jovem que não teve tempo ou oportunidade de desfrutar a juventude; um homem que teve grande parte da sua vida “dirigida” pelas

circunstâncias, e praticamente dono de si mesmo somente a partir da minha chegada ao Brasil em 1951. (Pedro Brillas, 1995, pp. 4-5).

Faz-se necessário ressaltar que em diversos momentos nos seus escritos, além de expor as suas subjetividades, Pedro “dialoga” com o leitor, como acima, e outorga dedicatória a familiares e amigos nomeados, ou mesmo a leitores desconhecidos, “a todos aqueles que se interessarem”, ou seja, estabelece explicitamente um “pacto autobiográfico” entre narrador/personagem e leitor. (LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008).

Observa-se que praticamente em toda a sua trajetória, mesmo durante as batalhas, Pedro tinha por hábito a leitura e a escrita de si, nos momentos de ócio (TOMANIK, G. B. *Autobiografia: Memórias, experiências e sensibilidades de um exilado/imigrante espanhol. Patrimônio e Memória*. vol. 11, n° 1, 2015. pp. 116-136), ou à noite antes de dormir, inclusive durante o exílio francês: (sic) “Quando chovia, a gente não saía para trabalhar, e ficávamos quase o dia inteiro na barraca, que eu aproveitava p/ler o jornal, escrever cartas, ou o meu diário, ler algum livro, jogar cartas com os meus vizinhos, ou deitado na cama”. (Pedro Brillas, s/data, 11° caderno, p. 37). Naquele contexto, os escritos epistolares eram o único “tesouro” do autor, que representavam uma âncora de emoções e permitiam manter os laços afetivos ao jovem exilado, desgarrado prematuramente do seio familiar e do círculo de amigos:

(sic) Enfim, deitado sobre colchão de palha, depois de quase um ano, dormindo em chavolas ou ao relento, no front e no Campo

d'Argelès, e depois de ler algumas cartas, voltei a sonhar, [...]. Sonhava com minha amada Lolita, com minha mãe, com Antonia e Buenos Aires sonhava que viajava pelo mundo, [...]. (Pedro Brillas, s/data, 11º caderno, pp. 18-19).

Algumas Considerações

Merece destaque no relato de Pedro, a reação dos espanhóis, logo após a sua chegada no primeiro alojamento, em Utelle, ao serem informados da composição das CTEs, dispensados, autorizados a sair do acampamento e visitar o vilarejo, com retorno marcado para almoço: (sic) “Houve manifestações de alegria e até palmas, pois que *a partir d’aquela momento, nos sentíamos como cidadãos, não mais como prisioneiros.*” (Pedro Brillas, s/data, 11º caderno, p. 23 – grifo nosso). Neste sentido, cabe ressaltar que apesar dos refugiados se encontrarem novamente em regime de internato, cercados por arames farpados, vigiados por soldados franceses armados, obrigados a prestar honras a uma bandeira estrangeira, com a promessa de um salário miserável, foi necessário bem pouco para se sentirem novamente como cidadãos. Isto talvez possa ser justificado pelos dramas a que foram submetidos até aquela data, desde o conflito civil.

A decisão dos republicanos espanhóis de se integrar à *Retirada* e pedir asilo à França, país onde não encontraram nem a esperada liberdade, nem tão pouco a segurança, iria levá-los a experiências, estratégias e destinos inimagináveis, que marcariam os sobreviventes para sempre, subjetiva e psicologicamente. Entre eles, Pedro Brillas, um jovem catalão de Barcelona, de 19 anos, ferido no campo de batalha, que se viu exilado definitivamente e transformado em refugiado espanhol,

conforme documentação de identidade francesa com a qual viajou para o Brasil.

Os hábitos da escrita de si e o de arquivar a própria vida, ou seja, a constituição de si cultivada por Pedro Brillas por quase sete décadas, iniciados em 1938 durante a Guerra Civil Espanhola, embora com várias perdas, permitem vislumbrar e analisar não apenas os seus recorrentes deslocamentos, trajetória e experiências no exílio, como as dos seus conterrâneos hispânicos, que levados pelas circunstâncias tornaram-se exilados, inicialmente na França em 1939, e e/immigrantes em outros países, embora oficialmente com o *status* de refugiados espanhóis.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Social da PUC-SP sob a orientação da Prof^a Dr^a M. Izilda Santos de Matos. E-mail: gbtomanik@gmail.com.

¹ Transcrição literal da palavra, escrita pelo autor em parênteses e com ponto de interrogação. “Espécie de capote com capuz abotoado e mangas” (Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em 21 fev. 2015); (“Chaquetón militar, que formaba parte del uniforme de invierno del soldado”. Real academia española. Diccionario de la lengua española. Disponível em: <http://lema.rae.es>. Acesso em: 21 fev. 2015).